
CONTEXTUALIZAÇÃO

Logo ao entrar na década de vinte do século XXI, ainda tomada pelo espanto da inefável *ruptura brusca e profunda do senso do agir, do produzir e do viver*, tornei-me orientadora de Maira Gouveia. Assim, imersa no estranhamento das ambiências e dos encontros a distância, tive acesso aos rascunhos iniciais do presente *spice* texto de sua autoria. Atenta às múltiplas lentes possíveis à tarefa desta contextualização, aqui escolho a que me faz sorrir, pois me leva ao reencontro de um *locus* de reflexão sobre uma questão seminal ao conceito de “estética da existência”:

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas

a objetos e não a indivíduos ou à vida [...]. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (FOUCAULT *apud* DREYFUS, 2010, p. 306)

Contudo, não irei aqui expor pela trajetória filosófica de Michel Foucault a dimensão de tal questionar,⁰¹ mas, sim, adentrar no caminho aberto por ele no que se refere ao operar de ferramentas para o exercício singular de constituir-se por uma arte de viver (*tékhne tou bíou*). Entre essas, se destaca a “escrita de si”, um legado do mundo antigo pelo qual se opera o que ele nomeia de “função *etopoiética*”, o que significa dizer que a escrita transforma a verdade em êthos. Fundamental à *arte de viver*, entende-se tal função como um conjunto de práticas pelas quais, no exercício sobre si mesmo, o sujeito se elabora, se transforma e atinge *um certo modo de ser* – denominado no mundo antigo por êthos:

O êthos de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos. Esta é para eles a forma concreta da liberdade; assim

.....

01 Proposto por Michel Foucault no terceiro campo da sua ontologia da verdade – verdade e sujeito (precedido por verdade e saber, e verdade e poder), o conceito de “estética da existência” foi o condutor das investigações, bem como da prática da escrita sobre meus processos artísticos presentes na tese de doutorado que defendi no Programa de Pós graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 2012 com orientação da dra. Christine Greiner (Duarte, Oriana. “Plus ultra: o corpo no limite da comunicação” – disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14285). Venho operando esse conceito como ferramenta de apreensão dos modos de vida na nossa atualidade na disciplina Laboratório de Sensibilidade Estética e Experimentos Imagéticos a partir de 2015, ano do meu início no PPGD. Maíra cursou essa disciplina no “olho do furacão” da pandemia de covid-19, momento no qual oito pessoas de extrema sensibilidade inventaram modos de bem viver e reinventar utopias em contraposição à distopia vigente entre setembro de 2020 e janeiro de 2021.

problematizavam sua liberdade. O homem que tem um belo êthos, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a liberdade de uma certa maneira. (FOUCAULT, 2006, p. 270)

Segundo Foucault (2006, p. 147), é por essa função *etopoiética* que na escrita se identifica uma etapa fundamental do processar da vida como obra: a “elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros, em princípios racionais de ação”.

Nesse sentido, como exercício *etopoiético*, aqui vamos praticar por meio da *escrita de si* uma via de pensar essas questões por uma experiência de ensino no campo do design. Trata-se de uma escrita, em parte, de memória, portanto ambientada no mundo pré-pandêmico dos anos 2016 e 2017, sobre quando na cidade de Jaipur, na Índia, Maira Gouveia (ainda uma recém-graduada) foi docente no curso de Design da Arch Academy of Design, faculdade na qual lecionou para os estudantes do primeiro ano da graduação.

Assim, a escrita de si aqui também serve para aportar uma compreensão das práticas pedagógicas por ela vivenciadas. Nesse sentido, não raro, são evocados o pensar de bell hooks, Ailton Krenak e Arturo Escobar para, segundo Maira, *pensar em pluriversos, amor, disponibilidade, intuição, alteridade e danças cósmicas no contexto do ensino do design*.

A tessitura dos acontecimentos, como relatado, intensifica a experiência de exterioridade dessa escrita e, conseqüentemente, a pertinência do seu operar como acesso às complexidades da nossa contemporaneidade. Por isso se faz tão representativa de como as práticas pedagógicas do design prescindem de uma abertura de corpo à experiência do sensível, das percepções sobre as camadas da esfera social na qual se implementam (ainda que nem sempre se complementem).

Ao acionar questões presentes no conceito de estética da existência, também busquei seguir em sintonia com o pensar ativista exposto por Ruben Pater (2020), que, logo na Introdução à edição brasileira da obra seminal *Políticas do design*, afirma:

São passos rumo a uma prática mais responsável e a uma sociedade mais ética. Afinal, não se trata apenas

do design que criamos, mas também das decisões a respeito do que comemos, do que dizemos, do que consumimos e de como tratamos nossos colegas humanos. É isso, na verdade, que molda a realidade política que habitamos.

Cabe ressaltar que, pelo intento de uma vida como obra, uma outra pergunta é deixada por Foucault em ênfase *etopoiética*: *como estamos conduzindo as nossas vidas?* Decerto, ao acessar a experiência trazida por Maira logo ao início da sua trajetória como pesquisadora do ensino de design, amplia-se a possibilidade não de resposta, mas da imprescindível reflexão sobre o exercício pedagógico enquanto operar de modos de vidas.

SPICY TASTE OF INDIA

Maira decidiu ir pra Índia, é o que sua mãe teve que contar para a parentada. A menina informara à mãe a decisão por conversa telefônica. Disse que havia conseguido um emprego para dar aula numa faculdade de design e que estava tudo acertado com a empresa. A mãe tentou como pôde dissuadir a filha, falou de outras possibilidades de intercâmbio, sugeriu um mestrado em Portugal. A Índia era um lugar inseguro... longe e desconhecido. Outros povos, tradições, outra cultura – a filha não suportaria tamanho choque cultural. Mas Maria das Dôres conhecia a filha, quando proclamava assim era impossível dissuadi-la de seus planos. Ah, a teimosia! E assim fez a menina, resolveu as burocracias de visto, comprou passagem. A mãe, que morava longe, voou correndo para ajudar nos preparativos da viagem e se despedir.

Com o coração na mão, das Dôres passou a noite em claro durante as doze horas de viagem em que a filha ficaria em um avião até chegar a Dubai, onde pegaria ainda uma conexão até a cidade de Délhi e, ao final, mais seis horas em um ônibus para Jaipur, de onde, somente então, voltaria a dar notícias.

Ela não acreditava que a filha realmente sobreviveria um ano inteiro naquele país. Mas tinha decidido, há muito, que deixaria sempre suas filhas voarem. Ajudaria e respeitaria sempre o salto de suas meninas e as acolheria nas quedas.

Figura 1 Na primeira imagem, mulheres escolhem *sarees* em um mercado indiano; na segunda, um vendedor de *bangles* (braceletes tradicionais indianos) nos sorri. Fonte: elaborada pelo autor (2016).

Maira chegou na Índia em julho de 2016. Estava assustadíssima, sentia um medo palpável. Não dominava a língua com a qual pretendia se comunicar – língua que nem sequer era a oficial daquele país. Uma língua que ela pegaria emprestada, assim como aquele povo tinha sido obrigado a pegar. Enxertada de mau jeito naquela cultura.

Se sentia amedrontada. Todos os estereótipos e preconceitos reverberando. Ressoando no corpo. Nunca sentira tão forte aquele tipo de medo físico. Aquele tipo de desconfiança. Na chegada, mãe e filha tiveram um lampejo: lembraram-se da menina, aos 11 anos de idade, interpretando, numa peça da escola, a personagem Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Intuíram que Maira faria coisas de sarapantar.⁰²



.....
02 Aqui trazemos uma fusão de Mario de Andrade com Monteiro Lobato, simbiotizando falas e atitudes de Macunaíma e Emília, dois personagens dissidentes e questionadores. No romance de Mário de Andrade, afirma-se sobre o protagonista: “Já na meninice fez coisas de sarapantar”. Acredito que Lobato não ficaria muito feliz com essa mistura antropofágica, e por isso mesmo a faço.

MERGULHOS NO PLURIVERSO

Em 7 de maio de 2016, completei 25 anos de vida. Em julho do mesmo ano, eu partia para a Índia. Sinto ainda em meu corpo o medo inédito que experienciei no desembarque do aeroporto em Nova Delhi. Naquele ponto, eu era um corpo físico, sólido, feminino, estrangeira, *white skin girl* (como as meninas brancas são chamadas, às vezes pejorativamente, pelo povo indiano) e, acima de tudo, eu era uma mulher chegando sozinha num país estranho ao meu corpo. Toda a cena da minha chegada parecia uma quimera em que coisas absurdas se sucediam.

Quando eu e as demais brasileiras que comigo partilhavam casa e vida conversávamos sobre a Índia, especialmente sobre a chegada, compartilhávamos esse sentimento de que não estávamos chegando em outro país, e sim em outro mundo. Eu já havia feito viagens internacionais para a Argentina e o Uruguai, além de conhecer diversos estados da heterogênea geografia brasileira. Todavia, a Índia tinha cores e sons absolutamente inéditos para o meu corpo. Nada poderia exemplificar melhor o significado de sinestesia. O excesso de tudo, as buzinas, o trânsito, as vestes típicas indianas como *saree*,⁰³ os animais, o calor desértico, a arquitetura, os corpos, tudo ressoava alteridade. Todos os sentidos são estimulados e creio que amplificados pelo medo e pelo susto que eu sentia enquanto corpo vulnerável e solitário durante a chegada.

Quando chegamos na Índia, posso afirmar que mergulhamos naquilo que Arturo Escobar denomina como “pluriverso”, ou seja adentramos um outro território com uma diversidade ontológica à nossa, como afirma o autor, constatamos na chegada ao país a realidade de que habitamos um mundo em que cabem vários outros mundos. “Isto se baseia e se sustenta pela existência de múltiplas práticas territoriais, sociais e políticas mantidas por muitas comunidades em muitas partes do mundo” (ESCOBAR, 2014).

03 O *saree* é um traje tradicional das mulheres. Trata de uma peça muito colorida de tecido de, tipicamente, cerca de 6 metros de extensão que é vestida a partir de drapeados em torno do corpo feminino, sendo normalmente amarrado na cintura com uma das pontas disposta sobre um ombro. Existem vários estilos de fabricação e dobras para o *saree*.

Figura 2 Família compartilhando uma moto.
Fonte: elaborada pelo autor (2016).



ARDORES INEBRIANTES

Nos primeiros quinze dias de Índia, eu só queria chorar. Não entendia por que tinha deixado tudo de confortável que eu conhecia para estar num lugar que me causava tanto estranhamento. A casa preenchia uma infraestrutura que podemos considerar como os requisitos básicos para moradia: tínhamos fogão, duas geladeiras, camas, ventiladores etc. Contudo, não possuía o padrão de higiene, cuidados e limpeza com o qual eu estava acostumada no Brasil (dentro do meu próprio pluriverso de mulher branca de classe média).

Além disso, tratava-se de uma arquitetura e modos de vivência e convivência inusitados para mim. Morávamos cerca de onze estrangeiras de diferentes nacionalidades (normalmente, havia somente mulheres na nossa casa). Tínhamos russas, turcas, egípcias, francesas, colombianas, peruanas e nós, brasileiras, convivendo e achando modos de viver juntas. Os quartos eram, usualmente, suítes divididas por três meninas, e a falta de privacidade e os diferentes hábitos de cada uma, além da dificuldade em me comunicar em inglês e todas as adaptações à casa, à cidade, ao clima e ao trabalho, me causaram muito estranhamento e dificuldade nos primeiros dias.

De todas as dificuldades iniciais, a mais eminente sem dúvidas foi a alimentação. Nas primeiras semanas, eu não conseguia comer a comida. Detestava o sabor apimentado e não havia forma de achar locais que fizessem uma comida sem pimenta; os temperos fortes fazem parte da constituição da comida local e é impossível evitá-los totalmente. Ademais, morávamos num estado bastante tradicional. O Rajastão tem similitudes, geograficamente, à nossa Amazônia: fica longe da orla e na parte mais interna da Índia e faz fronteira com o Paquistão a partir de um deserto. Ou seja, durante a colonização britânica, os Marajás e líderes desses estados mais afastados do oceano conseguiram preservar os estados por meio de seus milenares fortes e restringir os contatos com os colonizadores a trocas apenas comerciais; dessa forma, cultura, roupas, religião e costumes ficaram bastante preservados nesses pontos do país. Assim, a comida era ainda mais temperada e apimentada que em outras regiões.

O estado, de maioria hindu, possui uma população muito tradicional, religiosa e, conseqüentemente, majoritariamente vegana. O único alimento de origem animal permitido na maioria dos lugares públicos, inclusive na nossa universidade, era o leite, considerado um alimento sagrado. O consumo de qualquer outro alimento de origem animal, como ovo ou seus derivados, por exemplo, era absolutamente proibido na maioria dos lugares, inclusive em algumas casas de famílias mais religiosas, e terminantemente proibido dentro dos limites da faculdade.

Então, nos primeiros dias sobrevivi comendo arroz e legumes cozidos, e a situação foi se tornando cada vez mais incômoda. Depois de alguns dias reclamando da fome, Aurélia, uma amiga brasileira que já estava na Índia havia 6 meses e estava me prestando um certo suporte emocional e dando conselhos para auxiliar na minha adaptação, teve uma conversa séria comigo: ela disse que a advertência que me daria era que eu aprendesse a comer a comida local. Caso contrário, passaria por muitas restrições ao longo do ano.

Depois dessa conversa, decidi que teria de encarar a minha primeira e única verdadeira inimiga na Índia: a pimenta. Antes de encará-la, fui conhecê-la. Executei uma pesquisa no Google: “por que a pimenta arde?”. A plataforma me respondeu que pimentas possuem substâncias que dão ao cérebro a informação de que nossa boca está queimando. Depois

Figura 3 Um registro após um de nossos jantares coletivos com moradoras da casa vindas de diversas partes do mundo, como Tunísia, Egito, Portugal, Rússia, Peru, Colômbia, Brasil, aprendendo com as culturas e os modos de vida alheios e construindo uma possibilidade de habitar em conjunto. Fonte: elaborada pelo autor (2016).

de ter essa informação sobre o *modus operandi* da entidade pimenta, algo em mim se fortaleceu. Fui à cantina e pedi um almoço. Conversei com meu cérebro e disse “fique tranquilo, não tem nada queimando. É somente um encontro capcioso da pimenta com a língua. Não precisa ligar o alerta vermelho”. E assim fizemos as pazes: eu, meu cérebro e a pimenta. Depois disso, nunca mais sofremos por conta dela.

Muito pelo contrário, comecei a gostar cada vez mais, e acho que não houve nenhum sabor da Índia que não me apeteceu, por mais diversos e díspares que fossem. E como eram! É incontestável que eu sentia o ardor, às vezes inebriante, do abraço incendiário da pimenta. Mas o acolhia como uma sensação nova. E assim foi, não só com a comida, mas com tantas outras coisas que às vezes me queimavam como brasa, mas que aprendi a acolher e amar no país.



O BEM COM(UM)

Para explicar minha chegada e a forma como lidei com os primeiros choques culturais que a Índia me causou, é preciso fazer uma digressão temporal. Em 2013, eu trabalhava como monitora bolsista de fotografia da Escola de Belas Artes da UFMG. Nas férias de julho/agosto, acontecia o Festival de Inverno da universidade, que, à época, era realizado na cidade de Diamantina.

Nesse ano, não coincidentemente o ano da chamada Primavera Brasileira,⁰⁴ o time de comunicação me convidou para viajar e trabalhar como fotógrafa do Festival. Essa oportunidade me fez experimentar uma possibilidade intensa de “Bem Com(um)”. Na etimologia, comum vem do latim *communis*, “comum”, provavelmente no início significando “ato de repartir deveres em conjunto”, relacionada a *munus*, “tarefa, dever, ofício”. No festival de inverno, vivenciávamos uma tentativa de materializar uma comunalidade, um processo de escuta, de horizontalidade, troca e do poder de ouvir, estar, ser e constituir-se, bem como constituir a sociedade e o mundo, com o outro, durante o mês de recesso da universidade.

Na perspectiva de Ingold, o comum, por sua vez, pode ser compreendido como uma derivação de comungar e comunicar simultaneamente. O autor elucida:

Notando a afinidade entre as palavras “comunicação” e “comum”, ele se interessa em como indivíduos com diferentes experiências de vida podem chegar a um acordo - um grau de mentalidade semelhante que lhes permita conduzir suas vidas juntos. Talvez seguindo o precedente medieval, pode-se transformar “comum” em um verbo; comunicar seria então “comungar”.
(INGOLD, 2020, p. 19)

O Bem Com(um) era o guia não somente filosófico, mas também das *práxis* cotidianas que vivíamos no festival e nos possibilitava estar em contato uns com os outros num processo constante de escuta e carinho mútuos. Como explica Federici (2022, p. 140), “os comuns são vividos; não se pode falar sobre eles, muito menos teorizá-los”, e acrescenta que esse caráter inefável do comum se deve a dificuldade

.....
04 O termo se refere às manifestações e às ondas de protestos deflagrados ao longo do ano de 2013 em busca de mudanças políticas e sociais. Vale destacar o paradoxo de tal nomenclatura num país com estações tão pouco definidas e com uma geografia heterogênea como a nossa. Hoje, quase dez anos depois, questiona-se quais e como as agências e as esferas de poder operaram para cooptar esses movimentos.

Figura 4 Cortejo do boi durante o Festival de Inverno da UFMG em Diamantina.

Fonte: elaborada pelo autor (2013).

de colocar em palavras “uma experiência tão poderosa e rara como fazer parte de algo maior do que nossa vida individual”.

Assim, tento aqui resumir um pouco do que aprendi, especialmente com as crianças da comunidade, descobrindo com elas quais eram as nascentes dos rios onde gostavam de se banhar, andando agrupadas até uma casa mal-assombrada enquanto ouvia diversas histórias e estórias do bairro e de suas famílias. Tento resgatar e sintetizar o que assimilei ao compartilhar com elas o ônibus do “Tarifa Zero” (projeto de transporte gratuito disponibilizado pela UFMG durante o festival) e ao observá-las ativarem outros modos de mobilidade pela sua cidade. O que digeri e absorvi, enquanto cozinávamos reunidas, ou encontrávamos juntas maneiras e gestos para dobrar os papéis para distribuímos as farofas do nosso banquete. Que tipo de texturas e sons ativávamos e tecíamos em conjunto ao seguir e cantar no cortejo do boi, como elas me ensinaram o aguçar do tato e da escuta com nossos objetos de percussão improvisados.

Como estávamos inseridos e trabalhando principalmente com as comunidades periféricas da cidade, a experiência me permitiu estar em contato e aprender com outros mundos e modos de existência. Compreendi um pouco, a partir dessa experiência, como costurar maneiras de (con)viver e de construir em conjunto, com outros corpos e outras vivências muito diferentes.



Um dos primeiros eventos que tive a missão de fotografar foi a “Banqueteria Comum”. A refeição acontecia diariamente e se dava a partir de uma parceria entre cozinheiras de um coletivo local e uma professora-chefe de cozinha de Belo Horizonte. Apesar de estar contratada oficialmente como fotógrafa do evento, eu e o jornalista com quem dividia a missão de registrar os fatos ali vividos agíamos

de forma leve e participativa. Assim, já no primeiro dia, tive oportunidade de ver se materializar, como se por magia, mesas, flores, redes e panos para *picnics*, movimento coletivo de força capaz de fazer nascer um banquete. Assim, de forma fluída junto à comunidade, traziam-se elementos e objetos das próprias casas para praças, ruas, becos e recantos onde o almoço seria servido, para ajudar na decoração e na distribuição da comida.

Antes da primeira refeição, uma das lideranças dos Maxakali⁰⁵ fez um discurso para abrir o evento. Ela nos alertou para a importância de preservarmos a vida dos pajés e dos xamãs indígenas, para que eles pudessem preservar a saúde do planeta e, conseqüentemente, a nossa. A líder nos pediu para olharmos para as nossas terras brasileiras e repararmos que aqui não temos furacões, vulcões ou outros fenômenos que causam desastres naturais porque, segundo ela, os pajés e os xamãs oravam pelas terras brasileiras, acalmavam os espíritos e nos protegiam. Ela nos pedia para preservarmos as vidas dos povos originários, pois, se todos morressem, não mais poderiam nos proteger dos espíritos e da natureza, se realizaria o que Kopenawa chama de “A queda do céu” (2015).

Eu tinha 22 anos e foi a primeira vez em que eu tinha escutado uma liderança indígena. Aquilo me abalou profundamente. O discurso dela tinha uma coerência inesperada e me tirava de um lugar de conforto que aprendera a partir do senso comum, de que os índios eram “seres exóticos” e de certa forma “inúteis” para o nosso modo de vida “social” e “civilizado”. Eles pertenciam a uma espécie de “fora” da sociedade para mim. Até então, confesso que os via

.....
05 Todo povo indígena tem um nome pelo qual é conhecido, e essa denominação é chamada de etnônimo. Maxakali é um exemplo: esse povo é conhecido no Brasil por meio dessa denominação. Mas, entre eles, o termo usado é outro: *Tikmũ’ũn*, a combinação de termos como *tihik*, que significa homem, e *mu’un*, que tem o sentido de grupo e inclusão. Na tradução para a língua portuguesa, essa ideia pode ser transmitida por apenas três letras: nós. O povo Maxakali vive em quatro áreas de Minas Gerais: nas aldeias de Água Boa, no município de Santa Helena de Minas; em Pradinho e Cachoeira, no município de Bertópolis; em Aldeia Verde, no município de Ladainha; e no distrito de Topázio, em Teófilo Otoni. Essas são algumas das menores terras indígenas do país e abrigam, juntas, cerca de 2.500 pessoas (DE OLIVEIRA, 2013).

como um “artigo de luxo” da sociedade. Não entendia que eram agentes intermediários de um mundo que eu desconhecia, e creio que ainda desconheço profundamente, e que, além disso, eram atores fundantes e fundamentais para o nosso mundo. Um mundo que me cerca, no qual estou inserida, do qual dependo e que pode facilmente me aniquilar. Também é preciso considerar que ainda estava, como sinto que sempre estarei até certo ponto, colonizada por um modo de pensar que busca utilidade em tudo e em todos, como aponta Krenak em seu livro *A vida não é útil*, quando, em uma das passagens, afirma:

A vida não é para ser útil. Isso é uma besteira. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade para ela. A vida é fruição. A vida é uma dança. Só que ela é uma dança cósmica. E queremos reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Queremos reduzi-la a uma biografia [...] A vida é mais do que tudo isso. Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar uma sobrevivência. (2020, n.p.)

A partir dessa fala da líder e ao longo da semana do festival, tive a oportunidade de observar meu modo de experienciar vida e trabalho e ponderar sobre eles e sobre minhas relações com eles, reconsiderando a forma de me relacionar com o mundo e com as atividades que ali se desenvolviam. Eu tinha como principais responsabilidades fotografar as diversas oficinas e banquetes que se realizavam diariamente. Costumava começar a trabalhar às 8 da manhã e registrar os eventos até o horário dos shows que aconteciam por volta das 20 horas.

Conto essa experiência pois vivenciar de forma prática a possibilidade de criação de um “Bem Com(um)”, que era o tema do festival daquele ano, me ensinou a estar atenta ao processo de escuta. Quando cheguei na Índia, especialmente devido ao choque cultural já nos primeiros momentos, estive sempre muito consciente de que estava ali para aprender e respeitar outros modos de vida, assim como praticar uma disponibilidade não somente no processo pedagógico, mas também nas minhas vivências pessoais. Creio que isso foi e tem sido um ponto-chave e fundamental da minha experiência docente.

ESCUA

Voltando à experiência docente, o exercício que propus logo na primeira aula foi o de pedir que nos sentássemos no chão e perguntar aos estudantes o que era design para cada um deles e por que queriam estudar design. Cada um escreveu uma breve resposta em um pedaço de papel e em seguida trocamos esses pedaços para que cada um deles fizesse uma leitura de uma resposta alheia e compartilhasse suas opiniões a respeito daquela resposta.

Depois que eles liam e comentavam suas percepções, eu tomava a palavra e fazia meus próprios comentários a respeito daquilo que tinha ouvido e entendido. Muitos estudantes, assim como eu, estavam aprendendo e exercitando seu inglês naquele momento das aulas de design. Assim, esse exercício da escrita, da leitura e da elaboração crítica criava um processo reflexivo importante para assimilação dos conceitos que estávamos trabalhando e para nossa prática conjunta do vocabulário.

Tomei muito cuidado nesse momento para deixar elucidado que não havia o propósito de julgamento, não havia uma tentativa de elaborar uma resposta correta. Todas as respostas eram acolhidas e reunidas, complementando umas às outras, nos ajudavam a construir juntos uma imagem do que seria o “design” que estudaríamos ali ao longo daquele ano.

O exercício foi muito interessante por estabelecer, logo no primeiro dia, um lugar comum de onde partiríamos e também uma confiança da parte deles de que, apesar do meu inglês ainda bastante rudimentar, eu tinha algo a compartilhar com eles e estava disposta à escuta. Também foi importante para mim para entender quais expectativas e perspectivas eles traziam desse campo de estudo, e as motivações que os levavam a estar ali naquele espaço.

SALTOS E DESVIOS INTUITIVOS: UMA ANDARILHA ANGELICAL

Na minha primeira semana de trabalho, o meu chefe, Benoy *Sir*, diretor acadêmico da Arch College, me deu uma série de apostilas do Pearson BTEC (metodologia da instituição que confere os títulos de bacharel aos estudantes da instituição). O diretor me pediu para avaliar quais das matérias eu estaria apta a ministrar, bem como pensar em que ordem poderíamos distribuí-las. Eu teria pouco menos de um mês antes do início das aulas, pois cheguei no período de férias. Esse mês foi essencial, pois foi o período em que pude me dedicar à fluência no inglês para conseguir ministrar as aulas. A imersão total na língua e a vontade intensa me comunicar com as pessoas foi essencial para que eu conseguisse aprender inglês tão rápido.

Com a liberdade que me foi dada em torno das ementas e de como tratar os conteúdos dos Learning Outcomes, espécie de ementa de cada matéria, decidi resgatar os meus próprios desejos enquanto discente. Inspirada nas experiências boas e ruins que tinha vivido na minha própria graduação e também na experiência de horizontalidade vivida em 2013 no Festival da UFMG, decidi elaborar projetos que gostaria de ter vivenciado, ou repetir projetos e experiências em que havia sido bem-sucedida e feliz como estudante. Assim, decidi por adaptar os conteúdos das matérias a esses projetos.

Nesse momento, de elaboração das matérias, creio que me coloquei no papel daquilo que Flusser chama de “andarilho angelical”. Ele fala que o designer tem um certo olhar “vidente”, com um olho que maneja o presente e um outro olho que maneja eternidades:

a tarefa do vidente se constitui não como uma ação de antevisão do futuro, mas de conhecer o presente em suas infinitas conexões possíveis, de modo a “enxergar” no instante mesmo em que os fatos ou os eventos se efetivam as relações prováveis e improváveis que se tecem. (FLUSSER, 2009, p. 289)

Com essa vontade de me conectar com o presente e tentar antecipar quais necessidades existiam ali e quais as possibilidades que eu tinha para ajudar a cumpri-las, comecei a elaboração do primeiro módulo a mim assinalado e denominado *Pre-Foundation*. Era um módulo criado pelo diretor acadêmico para permitir que os alunos tivessem um mês de nivelamento e a possibilidade de experimentar diversas técnicas e diversos laboratórios da instituição.

Ao fazer uma análise crítica não só do conteúdo da matéria como também do seu nome, me detenho na ideia de um “pré-fundamento”, algo que vem antes da base para dar sustento à base. Sendo assim, propus aos alunos fazermos um diário de bordo de diversas experiências práticas que teríamos juntos a partir dali, explorando as instalações da escola como laboratórios de argila e cerâmica, o laboratório de tingimento, o de metais e joalheira, entre outros. Vale destacar que as instituições de design na Índia têm uma preocupação muito grande em manter vivo o patrimônio cultural do país, especialmente nesse momento de grande abertura à mídia e ao pensamento ocidental. Ou seja, na instituição em que trabalhávamos buscávamos sempre fusionar *indo* e *western*⁰⁶ nos projetos, não colocando um em detrimento de outro e buscando, sempre que possível, valorizar os saberes e as técnicas locais.

A experiência foi acertada. Fazíamos exercícios compositivos diversos e os estudantes, ao final do módulo, deveriam juntar tudo aquilo em uma espécie de livro, pasta, em formato livre. Foi importante pois eles tiveram um espaço muito bom para desenvolver algumas habilidades técnicas em desenho, escultura e prototipagem, por exemplo, e, ao mesmo tempo, puderam congrega todos esses materiais ao final de maneira fluida e criativa. Esse projeto também foi importante para que eu entendesse o senso estético

.....
06 Essas terminologias eram usadas muito comumente por outros professores e pelos coordenadores da faculdade para apontar as relações de diferenças entre vestimentas produtos, procedimentos e técnicas indianas (*indo*) e as ocidentais (*western*). Assim, buscávamos projetar sempre pensando e apontando esses contrapontos, preservando a cultura local, mas permitindo simultaneamente um diálogo e uma abertura ao ocidental e ao contemporâneo.

deles. Deixando-os mais livres para compor um portfólio com os trabalhos da matéria, pude entender suas referências e maneiras de expressar. O senso estético dos estudantes era absolutamente diverso a tudo que me tinha sido ensinado como parâmetros para “bom design”, ou seja, um design limpo, bauhausiano, geométrico, com cartela de cores limitada, espaços brancos etc. O que encontrei em todos os trabalhos foi uma profusão: de glitter, de texturas, de cores e de camadas. Foi importante esse choque e essa escuta para que eu aprendesse a respeitar e entender que havia outro “certo” se construindo ali.

A segunda matéria que ministrei foi Contextual and Cultural Referencing in Art & Design; em síntese, era uma espécie muito concisa e adaptada de história do design. Como eu tinha liberdade de pensar a abordagem, decidi criar um contraponto de olhar para a história do design unindo-a ao artesanato tradicional indiano e à arte contemporânea. Os estudantes foram para as ruas de Jaipur visitando oficinas de artesãos locais, fabricantes de joias, cerâmica, tingimento etc. e fizeram entrevistas para entender como essas pessoas trabalhavam e viviam. Logo depois disso, eu sorteei artistas mulheres contemporâneas para cada estudante estudar e apresentar o trabalho dessas mulheres. As apresentações foram muito divertidas, pois era novidade para eles o conceito de arte contemporânea. Além disso, assistimos concomitantemente à série documental *Genious of Design*, da BBC, e tivemos rodas de conversa em torno do conteúdo e das possíveis conexões com os artesãos e artistas e designers estudados.

Ao final da matéria, eles deviam, cada um dos grupos, reunir as duas coisas: o mundo indiano/asiático tradicional por meio dos artesanatos locais, o mundo da arte contemporânea ocidental e criar, a partir da junção desses dois mundos, instalações pelo *campus* da faculdade. Os resultados foram surpreendentes. Tivemos até mesmo uma performance em que as alunas comeram (simbolicamente) as joias tradicionais indianas durante o horário de almoço. Uma outra instalação contou com um mapa gigante da Índia em argila, com os estados divididos por blocos de cerâmica esculpida pelos estudantes do grupo, e os transeuntes da área podiam intervir escrevendo em *post its* informações que considerassem relevantes sobre aquele

estado. Como muitos estudantes vinham de outros estados para estudar e tinham saudade de casa, essa instalação se tornou uma das favoritas e ficou durante meses no gramado.



Depois dessa unidade, partimos para a execução de um projeto em *stop motion* – técnica de animação a partir de fotografias. Sorteiei entre os cinco grupos categorias de objetos (roupas, acessórios, material de escritório, papel) e locais na faculdade (corredor, cantina, gramado, estúdio) para que fizessem um vídeo em *stop motion* a partir dessa combinação. Para isso precisavam desenvolver roteiro, *storyboard*, pensar em soluções técnicas e narrativas etc. O trabalho apresentou resultados incríveis. Eles tiveram aulas de como utilizar programas de edição de imagem e vídeo com o time da área de comunicação da faculdade, e simultaneamente trabalhávamos na narrativa.

A empolgação dos estudantes era tanta que, apesar das nossas aulas terminarem às 16 horas, certo dia fui informada por funcionários da faculdade que um dos grupos havia ficado até às 21 horas, pois estavam muito engajados na elaboração do trabalho. Tínhamos sessões de *feedbacks* nas quais eu sugeria caminhos e, às vezes, eles refaziam cenas inteiras simplesmente porque tinham gostado de alguma ideia complementar que eu havia dado, mesmo que sem nenhuma obrigatoriedade ou pedido da minha parte. Foi realmente um momento em que eles e eu percebemos o quão importante era o prazer e a alegria no momento do aprendizado.

Após esse projeto, nossa intimidade e a confiança que tínhamos uns nos outros aumentou bastante. Portanto, decidi realizar outro sonho e fazer um trabalho com máscaras. Apresentei as máscaras sensoriais de Lygia Clark e, com fins de norteamto conceitual,

Figura 5 Algumas das intervenções artísticas criadas pelos estudantes durante o projeto Contextual and Cultural Referencing in Art & Design. Na primeira imagem, temos um mapa interativo da Índia em argila; e na segunda, objetos de uma performance em que as estudantes comeram (simbolicamente) as joias. Fonte: elaborada pelo autor (2016).

sorteei para cada um deles um animal. A virada inesperada do projeto é que eles não podiam fazer uma máscara representando aquele animal figurativamente, mas, sim, trabalhar a partir de abstrações, de modo a expressar, por meio da máscara, os sentimentos que remetiam àquele animal. Contudo, ainda não satisfeita com a complexidade da proposta, adicionei outra pauta ao projeto: seria preciso utilizar elementos retirados do lixo.

O lixo é uma questão realmente delicada na Índia, mas ainda não entendia muito bem o motivo até decidir trabalhar com esse material. Levei os estudantes ao *scrap yard*, numa tradução literal: um jardim de sucatas. Ou seja, não era bem um aterro sanitário, pois era um lugar onde o lixo reciclável já se encontrava separado. Dois professores locais me ajudaram na sua localização, e lá estava tudo bem organizado e setorizado, mas, ainda assim, alguns estudantes entraram em um estado de desespero. Duas das discentes se trancaram no carro e se recusaram a sair. Todavia, a maior parte do grupo participou da atividade, ainda que de maneira muito relutante, e um pequeno grupo se mostrou mais à vontade e interessado em explorar o lugar.

Depois de retornar à faculdade, entendi que a questão do lixo tem raízes religiosas, e muitas pessoas acreditam ser impuro tocar no lixo. Mesmo assim, mantive a proposta e expliquei o quanto considerava ser nossa função como designers a responsabilidade, de forma mais completa possível, pela cadeia e pelo ciclo de vida dos produtos que criamos. De qualquer forma, busquei respeitar seus posicionamentos, de ordem cultural e religiosa, quanto a esse ponto. Ao final, a grande maioria dos estudantes se engajou na proposta e usou restos de cadeiras, galões de água, cercas de árvores e assentos de bicicletas para compor suas máscaras animais sensoriais. O resultado foi incrivelmente diverso e criativo.



Figura 6 Alguns do resultado do trabalho com máscaras a partir de materiais reciclados desenvolvidas pelos estudantes, contendo, respectivamente, a cobra, a vaca, o elefante e a galinha. Fonte: elaborada pelo autor (2016).



Figura 7 Uma foto de despedida com a turma com quem trabalhei ao longo do ano.

Fonte: elaborada pelo autor (2017).

BRINCAR PARA PARTIR

O último projeto que realizamos juntos antes da minha partida foi a confecção de um brinquedo. Achei que seria interessante estimular a criação de algo lúdico para um público-alvo inusitado, crianças de 3 a 5 anos. Novamente, os resultados foram surpreendentes e provaram que a nossa sinergia agora era muito intensa. Todos os trabalhos tinham traços das coisas que eu havia conversado com eles ao longo do ano: um dos brinquedos era uma série de bichinhos de pelúcia com membros intercambiáveis, espécies de animais híbridos que podiam se transformar em vários seres esquisitos e maravilhosos, e muito lembram as obras *Bichos*, de Lygia Clark. Um grupo fez um livro infantil que contava de forma poética e lúdica a história de divindades indianas.

Outro grupo, ainda, quis criar um brinquedo para crianças com deficiência visual e, para isso, foram para centros e casas de acolhimento fazer pesquisas de campo. Tudo isso realizado de forma muito autônoma. Recentemente, descobri a confluência desse projeto com Papanek, que elaborou um trabalho similar com seus estudantes para produzir brinquedos de baixo custo para estímulo do desenvolvimento de crianças com deficiência no California Institute of the Arts (PAPANEK, 1984, p. 140). Nessa última disciplina, passei a atuar somente como uma consultora que ouvia os caminhos que eles haviam decidido seguir e dava algumas dicas, *feedbacks* e fazia perguntas e dava algumas sugestões, antecipando as técnicas de metodologias ativas que pratico hoje.



OUT. 14, 2016, 7:25:39 AM⁰⁷

[crônicas da india]

Hahahaha, bom humor de sexta... hoje dei um workshop do que eh Design e o que a profissão exige etc. (coisas que eu mesma não sei direito e vivo me perguntando) pra estudantes do ensino médio que estão mais perdidos que cego em tiroteio, como eu também estava a 6 anos atrás inclusive estou até hoje (como as fotos bem ilustram, gesticulando igual louca... herança da mamãe contadora de histórias Maria Das Dores Pereira Santos) - Expressão corporal eh nois!

Ai pra finalizar o workshop fiz uma atividade com eles de desenho colaborativo. Pedi pra sugerirem um tema (indianos são bem tímidos em geral) e depois de muito esforço uma menina levantou a mão e sugeriu: cultura.

Quase cai pra trás! Quando no Brasil estudantes de ensino médio iriam sugerir Cultura pra uma atividade de desenho?

Fico impressionada, inclusive sempre tenho conversado sobre isso com os estudantes aqui e hoje bateu de novo, a Índia eh um desses países onde o povo tem identidade. Tem história.

Me dá uma tristeza sempre que penso nisso. Tenho invejinha no fundo do peito, um recalque mesmo, de todos esses países que têm uma língua própria. Ou pelo menos uma língua não euro-centrada. Tipo nossa colega da Tunísia que tem arábico/árabe como língua oficial e francês como segunda língua, quase todo mundo da África tem uma língua local, ou várias. Eles colonizaram mas não mataram tudo como mataram no Brasil.

E aqui na Índia eles têm o hindi que ainda eh a única língua de bem 80% da população (chutando). Acho que isso faz o povo carregar um

07 Os tópicos iniciados com datas são transcrições de textos que escrevi na rede social Facebook enquanto vivia a experiência de docência. Os relatos trazem consigo a marca da informalidade e mesmo da oralidade, pois eram apenas momentos de desabafo e de compartilhamento de experiências, sensações e aprendizados subjetivos e muito latentes e impactantes para mim naqueles momentos. Decidimos trazer dois desses trechos por dialogarem fortemente com as reminiscências de memórias com as quais decidimos tecer no presente. Mantivemos os dois relatos em itálico

monte da sua própria história.

O desenho colaborativo é um exercício mega simples mas que super desperta várias questões de criatividade, etc. Os alunos ficam em círculo com um papel e um lápis cada. Depois de 3 minutos (já testei e 3 minutos é o timing perfeito) vc pede pra eles passarem o desenho pro colega ao lado, todos na mesma direção, mais 3 minutos eles tem q passar de novo, e ir pegando um desenho inesperado e pensando rapidamente num jeito de continuar aquela história, até o desenho voltar pro dono original no círculo (a primeira pessoa sempre fica impressionada com o resultado). No final eles tem um desenho de várias mãos, tem q pensar rápido, treinar criatividade, composição, trabalho em grupo, enfim é topster.

Os desenhos que saíram de hoje são uma aula da cultura Indiana. Da história que tá incrustada na cabecinha de cada um. Além de muito lindo e elaborados, cheios de ornamentos, saíram vários casamentos, deuses e demônios, mulheres de saree, etc.

Finalizamos a atividade com uma conversa e eles amaram a atividade. Tô feliz!

Enfim, me emociona muito quase o tempo todo dar aula.

Ontem os meus estudantes regulares, que dou aula todo dia estavam apresentando as artista cuntipuranea que selecionei, e é tão bonito como o mundo lá de fora é novo pra eles.

Devo ter falado a palavra feminismo umas 500 vezes na aula (hahhhaha) e foi bom ver a carinha de algumas estudantes brilhando. Mas ao mesmo tempo sinto que tudo aqui é precioso demais. Que as mudanças tem mesmo que ser construídas aos pouquinhos. Não quero colonizar ninguém. Enfim... aqui só pra compartilhar mais uma experiência mesmo.

INTERMITÊNCIAS

Esse relato tem sido construído ao longo dos anos de 2021 e 2022, e entre as idas e vindas dos últimos meses com esse texto, me veio de súbito a ideia de convidar os estudantes sobre quem discorri, para me enviarem também cartas que possam me ajudar a congregar a memória das experiências que juntos vivemos entre os anos de 2016 e 2017.

Ao final de abril de 2021, como presente de aniversário, pedi cartas em um grupo de WhatsApp que mantemos juntos desde 2016. Os estudantes disseram que enviariam e me lembraram que se graduaram recentemente, o que me fez entender que já faz 5 anos que vivemos o que aqui busco relatar.

Assim, acordei no dia 7 de maio de 2021, data do meu aniversário de 30 anos, com o presente de Akansha: um e-mail com suas memórias e fotos que ela ainda guarda do ano que compartilhamos. Ela começa seu relato lembrando do nosso primeiro dia de aula e afirma que nunca se esquecerá do sorriso com o qual a acolhi. Akansha escreve:

O primeiro dia começou com Maira Ma'am⁰⁸ entrando na sala de aula com um grande sorriso no rosto. Esse sorriso ainda aquece meu coração. Ainda me lembro de todos nós sentados em círculo e nos apresentando. Depois de nos apresentarmos, a primeira pergunta que ela fez foi "O que é o design de acordo com você?". Maira Ma'am nunca nos deixou sentar nos bancos de maneira convencional. Éramos convidados a sentar em círculo ou de uma forma que pudéssemos nos encarar.

Havia 21 pessoas na classe, e cada um de nós recebeu um papel para escrever sobre nossos pensamentos. Agora, quando olho para trás, fico envergonhada por ter escrito que o design para mim era magia. Eu assisti à série inteira de *Harry Potter* antes de entrar na faculdade, e deve ser o resultado disso. Maira Ma'am sorriu e apreciou a resposta, e assim começou um dos anos

.....
08 A sociedade indiana é fortemente hierárquica, portanto nos referíamos sempre a qualquer pessoa de autoridade (chefes, coordenadores, pessoas mais velhas) com *Ma'am* (senhora), para as mulheres, e *Sir* (para os homens). Apesar de serem marcadores de posições formais, pela relação construída com os alunos se tornou na verdade uma espécie de apelido carinhoso no meu coração, por isso mantenho aqui conforme escrito pela estudante: "*Maira Ma'am*".

mais interessantes e intrigantes da minha vida. Nós da Arch nunca fomos ensinados tradicionalmente graças à nossa professora brasileira. Tivemos aulas no jardim, na cantina da faculdade e até no belo sítio histórico de Jaipur. A cada dia aprendemos algo único. O ano foi sobre explorar arte, cultura e design. Jaipur como cidade também era nova para mim e para muitos de meus colegas de classe. Na verdade, Jaipur está listada como uma das cidades do patrimônio mundial da UNESCO. Há muito que você pode aprender em Jaipur enquanto perambula pela cidade, e nossos professores sabiam exatamente disso.

O trecho expressa a energia e o posicionamento que adotei ao adentrar Jaipur. Fui atenta ao fato de que havia muito a aprender enquanto perambulava pelo mundo. Na verdade, não me preparei para muita coisa e acho que fui aberta ao mundo e disposta a sorrir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRÁTICAS DO SENSÍVEL NO ENSINO DO DESIGN

To re-member, to com-memorate, is actively reprise, revive, retake⁰⁹
Donna Haraway

Olhando minha pesquisa e minhas “insistências” acadêmicas nos últimos tempos, entendo por que tenho lutado tanto e insistido de maneira tão contundente pelo tema do afeto e do amor. Como provoca Haraway: “Importa quais histórias contam histórias, quais conceitos pensam conceitos. Matematicamente, visualmente e narrativamente, importa quais figuras figuram figuras, quais sistemas sistematizam

09 Re-memorar, co-memorar, é ativamente reprisar, reviver, retomar (HARAWAY, 2016, p. 25).

sistemas”¹⁰ (HARAWAY, 2016, p. 101). Assim, acreditamos, aqui, que em sala de aula é preciso ter em mente que sentimentos ativam sentimentos, a partir de que processos educativos e métodos a educação educa, quais afetos geram afetos e insistir na importância de quais ideias pensam outras ideias. Quando comecei a dar aulas, a única coisa que fez com que a experiência funcionasse foi o afeto, o carinho, o respeito e a confiança que consegui construir aos poucos com os estudantes.

Em nossas orientações, Oriana tem denominado essas experiências de ensino, de “práticas do sensível”, algo que para mim tem sido importante nomear e achar confluências. A principal convergência que tenho encontrado nesse sentido das práticas do sensível vem das vozes de bell hooks. Ela chama o que eu praticava de “pedagogia engajada” e defende a importância do Eros no processo de ensino e aprendizagem. Ela defende, em sua trilogia da pedagogia, quanto é preciso criar um ambiente de prazer com os estudantes (2017; 2020).

A autora fala, ainda, sobre o tema do afeto no livro *Tudo sobre amor* e em diversos outros ensaios em que tem tratado do amor como essa ferramenta revolucionária e sobre a necessidade de aprender a amar, ou seja, construir com os estudantes uma relação baseada em ações voltadas para cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança e o desenvolvimento espiritual mútuo. Sem muito amor e disponibilidade, toda a experiência pessoal e profissional que experienciei na Índia e as que tenho vivido no Brasil desde então provavelmente não teriam se sustentado.

Para experienciar metodologias ativas e incentivar os estudantes a terem autonomia sobre seu conhecimento, é preciso engajá-los numa atmosfera de muito prazer e alegria. Dado o sistema de ensino que hoje vivenciamos, em muitas das vezes é um grande desafio criar esse clima em que adquirir conhecimento se torne algo fluído, ainda que denso. Sobre os estudantes e a atmosfera de empolgação que busco gerar em sala de aula, Akansha escreve:

.....
10 de “It matters which stories tell stories, which concepts think concepts. Mathematically, visually, and narratively, it matters which figures figure figures, which systems systematize systems”.

Maira Ma'am tinha uma energia contagiante toda vez que estava na aula. Seu estilo de ensino e envolvimento com o material de estudo tornaram o curso interessante para nós, alunos. Ela sempre nos encorajou a pensar fora da caixa e ultrapassar nossos limites. Ela demonstrava todos os exercícios com facilidade e sempre com um sorriso no rosto.

A essa “energia contagiante” eu chamo amor. É o que me move já há algum tempo. Depois de escrever esse trecho/tópico dentro do presente texto, sonhei com mergulhos. Estava com uma amiga muito querida numa piscina e sentia um desejo enorme de mergulhar. Ficava saindo e entrando na piscina. A piscina estava um pouco suja, a água amarronzada, mas eu sentia muita necessidade do mergulho e me banhava nela mesmo assim.

bell hooks (2017) fala dessa água suja numa metáfora que faz do conhecimento. Ela informa que foi muito criticada pela comunidade feminista por suas confluências e sua defesa a Paulo Freire, pois a teoria dele apresentava falhas ao não considerar questões de gênero e raciais. A autora informa que, ao ler Freire, ainda que percebesse que se tratava de uma espécie de água impura, quando se encontrou com os escritos de Freire estava sedenta, então mesmo que a água (o conhecimento) que ele lhe proporcionava não fosse pura e límpida, ainda era algo melhor do que permanecer com sede. Conversando com um grupo de professores sobre minha relação com a academia e com a escola, percebi que esse sonho remetia ao meu mergulho na construção desse conhecimento e do processo de ensino-aprendizagem tradicional, que sei ser um modelo imperfeito, mas que é a água que no presente partilho, como em banhos oníricos.

NOV. 25, 2016, 3:36:48 PM

eu queria só aproveitar essa sexta a noite que tô ATIVONA no site faces por motivos de: trabalho amanhã, vim aqui agora só fazer uma mea culpa por todas as vezes que fiquei zuando a minha graduação e falei que o diploma era um pedaço de papel inútil, por todas às vezes que

desmereci o curso de design de moda e até rejeitei o fato de ter me graduado nisso.

demora um tempo pra gente digerir a coisa toda que é a graduação, e acho que agora tô começando a processar isso.

também tem a coisa de estar dando aula, e minha deosa lakshimi, como a gente aprende enquanto dá aula... chega a me assustar o tanto de coisa que eu tenho pra falar às vezes e o tanto que as coisas que falo fazem sentido.

enfim, eu sempre desmereci a coisa do design de moda talvez porque tem mesmo muita gente fútil nessa área, mas hoje como professora vejo tanto potencial em mudar o mundo com design.... sim sou dessas pessoas idealistas, que quer mudar o mundo mermu.

e ai fico tentando botar as ideias loka nas orientandas, de trabalhar com diferentes corpos, trabalhar roupas sem gênero definido, materiais naturais, técnicas históricas pra preservar o artesanato, reciclagem, custo zero, reaproveitamento, consumo consciente, empoderamento das mulheres ... e claro, não lembro de ter tido muitas conversas sobre isso na graduação de moda, mas tb não tive na graduação de artes, enton né. O problema não é o curso...

enfim... é um prazer imenso dar aula todo dia, cansa pra caralho, os alunos faltam às vezes, fazem os trem mal feitos muitas vezes... não te escutam outras tantas, mas a gente repete, da um prazo maior, manda refazer, da bronca no whatsapp pra eles verem que você se importa e se preocupa com eles e uma hora conserta, ou não.

o que mais gosto de ser professora são as sacadas.

não sei se com todos os professores é assim, mas comigo grande maioria das coisas que surgem de genial não surgem quando preparo a aula, mas quando já tô lá no meio, e uma coisa puxa a outra e de repente vc fala algo que mudou a vida de alguém (muitas vezes a sua mesmo)

ou então vc bola um exercício muito massa que faz tudo fazer sentido...

mas preparar aula também é uma delícia... ir conectando os materiais: filme, música, imagens, pra fazer as coisas fazerem sentido é muito bom... fico pensando se já gosto assim em inglês que é uma dificuldade pra mim de traduzir os termos técnicos e achar bons materiais, imagina se pudesse usar poemas em português?

enfim... só pra falar que aprendi sim um monte de coisa nos quatro anos de design e arte na ufmg... um monte de coisa que na verdade só tô me dando conta que aprendi agora.

**OCUPA A UFMG, OCUPA A PORRA TODA PFVR PQ ENSINO PUBLICO
NAO PODE ACABAR. NOSSO BEM MAIS PRECIOSO**



REFERÊNCIAS

- BERARDI, F. *Extremo: crônicas da psicodelfação*. São Paulo: Ubu, 2020.
- DE OLIVEIRA, M. T. Etnolinguística: semelhanças e diferenças tupi e macro-jê. *Revista Científica da Ajes*, v. 4, n. 8, 2013.
- DREYFUS, H. L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ESCOBAR, A. *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Duke University Press, 2018.
- FEDERICI, S. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2022.
- FLUSSER, V. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIZZO, I. *Reativar territórios: corpo, afeto e linguagem no projeto participativo*. Rio de Janeiro: Quintal, 2019.
- HARAWAY, D. *Staying with the Trouble. Making kin in the Chthulucene*. London: Duke University Press, 2016.
- HOOKS, b. *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, b. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, b. *Ensinando pensamento crítico*. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, b. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.
- INGOLD, T. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KOPENAWA, D. *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras,

2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAGROU, E. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MARGOLIN, V. *Política do artificial: ensaios e estudos em design*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

PAPANÉK, V. *Design for the real world: Human, Ecology and Social Change*. London: Thames & Hudson, 1984.

PATER, R. *Políticas do design*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.